

A FOME, DE ALIMENTOS E DE JUSTIÇA SOCIAL



*A professora **Maria Elisa Marcondes Helene**, pesquisadora do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Economia, Sociedade e Meio Ambiente da USP, analisa a fome no mundo e a conseqüente falta de democracia de acesso à alimentação. Mostra que 16 milhões de pessoas morrem de fome aguda anualmente e que antes de você atingir o terceiro parágrafo deste artigo, 24 pessoas terão morrido de fome, 18 das quais crianças com menos de cinco anos de idade. Recentemente, o jornalista Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI, afirmou à Revista Adusp que, democracia marcada pela fome não é democracia, mas apenas um ensaio... uma experiência.*

Embora vivamos num mundo que produz muito mais alimento do que necessita, todos os anos milhões de pessoas morrem de fome. A principal razão é que o mundo é injustamente dividido, tornando essas pessoas vítimas da pobreza e da política de alimentos.

Não há no mundo nenhum desastre que se compare à fome. O número de pessoas cuja morte resulta da má-nutrição é equivalente aos efeitos de uma bomba de Hiroshima a cada três dias. A maioria das vítimas da fome são crianças, mulheres grávidas ou em fase de amamentação. São esses seres humanos que mais necessitam de alimento.

Enquanto isso, os meios de comunicação de massa nos permitem conhecer a fome de nosso semelhante e quando ela se torna um furo de reportagem, a televisão e os outros meios de comunicação a trazem para dentro de nossas casas. Ironicamente, as ferramentas do progresso do século XX permitem ao rico testemunhar, em primeira mão, a morte do pobre. A fome da nossa época é aquela que pode ser localizada e quantificada pela sofisticação da informática, e descrita num artigo como este, mas que não pode ser erradicada, pois é parte integrante do sistema econômico centralizador. Nessa situação, o alimento está disponível apenas para aqueles que têm dinheiro para comprá-lo: somente os que têm renda para transformar suas necessidades biológicas em 'demanda efetiva', como dizem os economistas, é que comem o suficiente para atender essas necessidades. Nesse jogo social, pessoas que ganham US\$ 100 por ano competem pelo mesmo alimento com aqueles que ganham US\$ 100 por mês, por semana, por hora, ou até mesmo por minuto.

A fome crônica atinge hoje de 500 milhões a 1 bilhão de pessoas pobres do mundo, enquanto a fome aguda mata 16 milhões de pessoas por ano. Isso é o mesmo que 24 pessoas por minuto, 18 das quais são crianças com menos de cinco anos de idade. A fome crônica é o degrau mais baixo para o qual uma sociedade pode descer. A fome em massa mata milhões e é um evento diário, um evento que ocorre todos os anos em muitos países do mundo.

Nos países em desenvolvimento de baixa renda, onde a renda por pessoa é inferior a US\$ 400/ano, uma em dez ou uma em oito delas está tão seriamente subnutrida que aqueles que nascem sofrem grande risco de morrer. Nesses países, a mortalidade infantil chega a 150 ou 200 por mil, índice extremamente alto. Aquelas crianças que conseguem sobreviver quando adultas têm dificuldades em trabalhar e problemas de saúde decorrentes da fome que passaram na infância.

Na África, Ásia e América Latina, encontram-se os países de baixa renda. Eles abrigam a maior parte da população pobre do mundo, mas não toda. De acordo com o Banco Mundial, mais de 1,1 bilhão de pessoas vivem na pobreza e, destas, 630 milhões são

extremamente pobres, tendo uma renda anual menor que US\$ 275. Outras estimativas referem-se a 2 bilhões de pobres numa população mundial, em 1990, de 5,3 bilhões de pessoas.

Há em todo mundo: 1 bilhão de analfabetos; 1,5 bilhão de pessoas sem água potável; cerca de 100 milhões de pessoas sem teto; 1 bilhão de pessoas passando fome; 150 milhões de crianças com menos de cinco anos (uma em cada três) subnutridas; e 12,9 milhões de crianças que morrem a cada ano antes de completar cinco anos.

Esses são os pobres do mundo, os que não podem comprar alimentos porque não têm dinheiro para isso. O alimento é produzido e está disponível para cada um deles, mas eles não têm acesso ao alimento. Essa é a palavra chave: acesso. Existe comida em seu redor, mas o pobre não tem acesso a ela.

Muitas vezes o trabalhador rural não pode comprar a sua própria alimentação e a de sua família, pois não ganha o suficiente para isso, e então passa fome. A comida que ele produz é para ser vendida no mercado, com o preço determinado no mercado internacional de commodities e negociado entre as grandes corporações.

E em muitas fomes agudas — aquela que ocorre em uma comunidade, quando é extremamente baixa a quantidade de nutrientes — a maioria das vítimas, ironicamente, está diretamente ligada à produção de alimento. Em países pobres, os trabalhadores rurais, quando bóias-frias, não têm direito à colheita, nem direito especial ao alimento, mesmo sendo eles quem o produz. Assim, o salário recebido é convertido em alimento nos centros urbanos. Quando não há salário, ou não há trabalho, ou ainda quando o salário sobe menos que o custo do alimento, o trabalhador passa fome. Também são vítimas da fome os pequenos produtores de alimentos. Esses trabalhadores rurais com plantio em pequena escala e, portanto, sem poder impor preço ao mercado, só podem vender seus produtos nos centros próximos à sua plantação. Nesses casos, quando o alimento produzido não é vendido com valor satisfatório para que possam trocar seu dinheiro pela alimentação, também passam fome. Paradoxalmente, eles produzem alimento e passam fome.

Atualmente, os alimentos são commodities, mercadorias negociáveis no mercado internacional. As commodities alimentícias incluem as bebidas (café, cacau, chá), cereais (milho, arroz, trigo e sorgo), gorduras e óleos (óleo de babaçu, de coco, de amendoim, de soja, pasta de amendoim, pasta de soja), além de outros alimentos (açúcar, carne, bananas e laranjas). Commodities não-alimentícias incluem o algodão, a juta, a borracha e o tabaco.

Esse comércio internacional é dependente do tipo de uso que se dá ao solo e do preço do produto. O alimento é considerado commodity e o aumento ou a diminuição de seu preço no mercado internacional

acompanha o de outras commodities. Em termos globais, a produção de grãos é tão grande que tem até feito o preço deles cair sistematicamente no mercado internacional.

O cacau é o exemplo clássico de uma commodity de exportação que atinge altos preços para o consumidor às expensas do pobre. Um trabalhador do cacau, na região cacauzeira do Brasil, começa sua atividade profissional ainda criança. O valor de um mês de seu trabalho, porém, é inferior ao preço de uma pequena caixa de chocolate em Londres. O cacau gera um comércio lucrativo, mas o lucro fica no processamento que ocorre nas fábricas do Brasil e em outros países. Pouco do lucro atinge os trabalhadores, que nem podem usar o solo para plantar seu próprio alimento. Este tem que ser trazido de centenas de quilômetros de distância.

A cadeia alimentar humana está nas mãos dos grandes produtores, das grandes corporações. Elas dominam a produção, a distribuição e a venda dos alimentos. E, nesse grande negócio, tudo ocorre conforme o interesse dessas corporações. Produzem os fertilizantes, os agrotóxicos, os maquinários e, principalmente, as sementes, dando a este setor industrial um domínio ainda maior sobre as decisões do mercado. Eles têm o poder sobre as safras, pois são proprietárias da terra que produz alimento, ou a arrenda ou ainda garante a compra de toda a sua produção. Essas corporações também distribuem os alimentos. São as grandes redes internacionais de supermercados. Por essa razão, mercearias, quitandas, peixarias, açougues espremem-se num pequeno espaço que ainda lhes sobra, já que não têm capital para fazer frente aos grandes estoques e por isso não podem garantir preço tão baixo. Mas, mesmo com os preços mais baixos dos alimentos, o número de famintos do mundo é de centenas de milhões.

No mundo de hoje há mais quantidade de alimento do que a necessária para alimentar a todos. Apenas a América do Norte produz um terço a mais de alimento do que necessita. Na Europa, a história se repete. Frigoríficos são lotados com milhões de toneladas de carne bovina. A Comunidade Econômica Européia gasta semanalmente US\$ 330 milhões para manter seu estoque, ou até mesmo destruí-lo, quando é o caso.

Existem cerca de 3.500 calorias por quilo de grãos de cereais, de modo que uma tonelada de grãos contém 3,5 milhões de calorias. Um adulto necessita de 2.300 a 2.400 calorias por dia; supondo que as crianças alimentem-se das mesmas quantidades que os adultos, a produção anual de grãos, em 1989, —1,8 bilhões de toneladas— alimenta uma população de 7,2 bilhões de pessoas (40% maior que a população de 1989 e próxima àquela que se projeta para o ano 2015).

Na América Latina também não há falta de alimento para quem pode comprá-lo. Esse é o caso do Brasil, que, assim como a Europa e os Estados Unidos, produz abundância de alimentos, mas pouco chega ao pobre e, com isso, milhões passam fome. A ini-

quidade no Brasil é tal que, mesmo com uma renda per capita média anual por volta de US\$ 2.000, o pobre do Brasil representa facilmente 60% da população. Aqui, cerca de 2/3 da população não tem uma alimentação adequada em termos de calorias ingeridas, ou seja, não come o suficiente.

A dívida externa é um grave problema para os países do Terceiro Mundo, não apenas para o Brasil. A dívida tem um enorme impacto na qualidade de vida das pessoas e é um fator determinante da fome em muitos países. No Brasil, a dívida é um pouco acima de US\$ 100 bilhões, com pagamentos de cerca de US\$ 15 bilhões/ano pelos juros e amortizações. Para conseguir todo esse dinheiro, o governo diminui os seus gastos, fazendo principalmente três coisas: reduz drasticamente as importações, aumenta as exportações com a finalidade de se obter moeda forte e corta subsídios. Com isso, os pobres não podem mais contar com os serviços sociais e o número de empregos diminui. Todos esses fatores têm impacto na vida das pessoas pobres, nas ruas e nas favelas das grandes cidades.

Os grandes produtores brasileiros de alimento, que têm em suas mãos 82% das terras agricultáveis e pastagens, não controlam a venda, nem o preço de commodities no mercado internacional, como fazem os grandes produtores norte-americanos. Embora estejamos entre os cinco mais importantes exportadores agrícolas de oleaginosas, os produtores brasileiros perdem muito no jogo de poder internacional. Liberadas pelas corporações norte-americanas, as grandes corporações estrangeiras que vieram plantar em território nacional, ou industrializar o produto agrícola, controlam o preço no mercado interno e o próprio mercado internacional de alimentos.

Hoje, 9% dos proprietários de terra, no Brasil, são donos de 82% da terra agricultável ou de pastagens. Essa política de terra — monocultura para exportação — extensivamente adotada nas últimas décadas, apesar de servir para regular a balança comercial, determinou que a terra mudasse de mãos, deixando de ser o pequeno produtor o responsável pela produção de alimentos de consumo interno. Disso decorreu o aumento da migração, os conflitos de terra e, portanto, a fome, uma vez que os expropriados não tiveram garantido seu poder de compra.

Assim, podemos dizer que a fome não é falta de alimento, é falta de democracia, de um tipo de democracia cujas leis reflitam a ética, dizendo que todos nós temos direito a uma alimentação digna, compatível com as nossas necessidades. É preciso que a produção seja distribuída nos centros de abastecimento e que, evidentemente, todos tenham poder de compra, que tenham acesso ao alimento.

Os dados deste artigo foram extraídos do livro "A Fome na Atualidade", ed. Scipione, de autoria de Maria Elisa Marcondes Helene, Beatriz Marcondes e Edelci Nunes.